

3 — APARTAMENTO N.º 411 — BLOCO B

DILSON CARDOSO era um dos ocupantes desse apartamento. É aluno do Curso de Engenharia Química da ESCOLA POLITÉCNICA DA USP. O seu apartamento era um arsenal de explosivos, armas e documentos subversivos. E elemento que atualmente está engajado em atividades terroristas e assalto a bancos. Os seus anexos de documentos comprovam as suas atividades de militante do Partido Comunista do Brasil (DISSIDÊNCIA).

Dirigia os treinamentos de atividades dos militantes de seu partido no emprego de explosivos, instrução de tiro e de combate à repressão. No CRUSP era o encarregado de ministrar ensinamentos sobre confecção e emprego de coquetéis molotov e outros tipos de bombas e granadas.

O Documento n.º 42: «ORGANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE UM GRUPO DE MOLOTOV», de sua autoria, constitui uma apostila sobre fabricação de bombas «molotov».

O Documento n.º 47: «NORMAS GERAIS PARA INSTRUÇÃO DE TIRO, EXPLOSIVOS, SOBREVIVÊNCIA, LEVANTAMENTO E ORIENTAÇÃO NO MATO», é um documento sobre treinamentos de aparelhos e grupos esquerdistas no emprego de explosivos e tiros. Há um programa semanal com todas as previsões de material e horário.

4 — APARTAMENTO N.º 311 — BLOCO A

NAIR YUMIKO KOBASHI era uma das ocupantes militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Pertence à filiação do movimento estudantil à fundadora do «MUA»: sigla do MOVIMENTO UNIDADE E AÇÃO, pregando a união da UNE.

Grande era a quantidade de material subversivo encontrado em seu apartamento, constituído de mimeógrafo, stencil, tintas e material de impressão. É um dos autores de «CONTRIBUIÇÃO AO XXX CONGRESSO DA UNE, Combate Intransigente à Ditadura e ao Imperialismo Japones».

Pelo «MUA», defende uma UNE unida. Defende a necessidade de se forjar a unidade na luta geral do povo brasileiro e nela o ME contra a ditadura militarista e o imperialismo norte-americano. Ao dividir duas vezes as «lideranças» favoreceriam a ditadura; pelo enfraquecimento do ME e pelo enfraquecimento da força popular.

5 — APARTAMENTO, N.º 502 — BLOCO G

Este apartamento era muito conhecido pelo desusado movimento de entrada e saída de estudantes e pelo fato das empregadas de limpeza não terem acesso ao mesmo para cumprimentar as suas obrigações. Era uma atíssima célula do grupo marxista da «AÇÃO POPULAR», orientado e dirigido por CATARINA MELLONI, que se homenageava no mesmo, quando se encontrava foragida da polícia. Entre os elementos filiados a essa facção comunista de tendência castro-maclista, residentes no CRUSP, são citados: JOÃO CARLOS FIGUEIROA, MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS, TEREZA CRISTINA COLLIER, MARIA LIA YIDA. Este grupo político apoiava a linha política de TRAVASSOS.

É grande a quantidade de documentos e material subversivos apreendidos neste apartamento relacionados no Anexo n.º 08. Entre o material, constam: mimeógrafo, papel stencil, tintas e outros apetrechos para mimeógrafo.

Entre os documentos estão citados:

Documento n.º 61: «ANTE-PROJETO DE UMA CARTA POLÍTICA PARA A UNE». É de autoria de CATARINA MELLONI. É um documento altamente subversivo, pregando a luta armada e a derrubada do governo. Algumas epígrafes deste documento: «FOR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL UNIDO E COMBATIVO NA LUTA PELA DERRUBADA DA DITADURA E EXPULSÃO DO IMPERIALISMO». — «A FORÇA DO PVO É MAIOR QUE A REPRESSÃO». — «APONTAMOS COMO CAMINHO: DERRUBAR A DITADURA EXPULSAR O IMPERIALISMO». etc.

TEREZA COLLIER e MARIA DO SOCORRO eram agitadoras atíssimas, tendo sido presas na greve e passata operária em Santo André, juntamente com jornalistas da «FOLHA DE SÃO PAULO».

Os documentos manuscritos de TEREZA COLLIER revelam a sua integração dentro do esquema de agitação do meio operário, apesar de ser uma aristocrata da Sociedade de Recife, conforme documentação fotográfica sua, do Anexo 08.

O documento n.o 46, carta a ela dirigida: «vejo as coisas mal ou menos clara. Precisamos é sair logo das divagações, dos estudos e começar o protesto, mesmo que não seja para luta armada logo. E isso é fácil. Não há bicho nenhum. Com mil caras dispostos dá pra começar. Uns trezentos operando no Brasil Oeste. Outro em Minas. Outro no Estado do Rio. Outros pelo Nordeste. Havendo mais grupos nas principais capitais. No Rio Grande também. Armas de caça e algumas roubadas no início. Conhecimentos de como fazer pólvora e outras coisas. Nada de fixar um lugar. Correr. Cansar o inimigo. Levá-lo para onde a gente quer. Pra Amazonia, por exemplo. Ir trucidando os que formos encontrando».

Quanto a MARIA LIA YIDA, os documentos n.o 47 e 51, Anexo n.o 08 comprovam as suas atividades de militante comunista: «é aluna de SAEDES SAPIENTIAE».

No documento n.o 47, carta a seu namorado: «Rodrigues, eu sei que você está vivendo momentos bem diferentes com relação a mim; você está realmente preocupado com a Revolução e você tem forças bastante grande para cada dia crescer mais; e eu, estou no começo da estrada e você está no meio, e não sei se conseguirei dar a mão a você para chegarmos juntos a novos transformarmos e sermos autênticos revolucionários».

Do documento n.o 51, Fls 2, de epígrafe: «Sobre o ESTILO DE TRABALHO EM NOSSO PARTIDO». Dos diferentes itens deste documento consta: g) — a forma de realizar a revolução é a guerra popular, não o foco, manequi pequeno-burguesa de fazer a Revolução».

O documento n.o 30, trata-se de uma «Reunião da célula-Filo».

A célula do apartamento n.o 502-G atuou muito na grave de QSASCO, conforme documentos do anexo, inclusive cartas do município com planos e revistas. Atuava nos colégios secundários da Zona Norte, através de líderes secundaristas que frequentavam a célula.

TEREZA COLLIER redigiu o Documento n.o 73, «Manifesto Padrão para aliciamento e inclamação dos alunos secundaristas contra os professores dos mesmos».

6 — APARTAMENTO N.o 402 — BLOCO B

Um dos ocupantes desse apartamento era CARLOS ALBERTO LOBAO DA SILVA /CUNHA/ aluno do CURSO DE GEOLOGIA DA FIQ.USP. Elemento ativista e integrante da minoria que integrava o esquema de agitação do CRUSP e a cúpula do movimento estudantil comunista. Havia reuniões em seu apartamento, material de mimeógrafo, mimeógrafo «Raco-reco», e stencil. O material apreendido está relacionado no Anexo n.o 10.

No documento de epígrafe: «ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO OPERARIO NA ATUAL ETAPA» (documento n.o 27), CARLOS LOBAO faz um planejamento de organização de várias OPPs (Organizações para-partidárias) no meio operário das fábricas, que se entrosam, formando as FOS (Frentes Operárias).

DOCUMENTO N.o 22: documento datilografado sob a epígrafe: «SOBRE A PRÉSENTE UNIVERSITARIA», traçando normas para atuação das OBs (Organizações Bases) no movimento estudantil, fixando tarefas a serem realizadas no setor estudantil, no seu aspecto político e doutrinário.

7 — APARTAMENTO N.o 303 — BLOCO B

Era ocupado por VALTER STEVANATO VUOLOF Presidente da «AURK» em 1968.

Numerosa e farta documentação comunista apreendida em seu apartamento, documentos datilografados, de circulação interna no Partido, revelando a sua vinculação ao mesmo. Estes documentos estão arrolados no Anexo n.o 11.

O Documento n.o 65, datilografado, de epígrafe: «BALANÇO DAS ATIVIDADES DA OB-CRUSP», constitue uma prova de sua vinculação ao partido comunista, atuando na Organização BASE — CRUSP ou a sigla do partido: OB-CRUSP.

Os Documentos n.o 46 e 47, são documentos recentíssimos, pouco antes do fechamento do CRUSP, mimeografados pelo Setor Estudantil do P. C. do Brasil/Aia Vermelha, no próprio CRUSP.

O Documento n.o 46 versa sobre organização das OOBB e o seu funcionamento quanto à hierarquia partidária.

O Documento n.o 47 refere-se à preparação de guerrilhas urbanas pelo P. C. do Brasil/Aia Vermelha.

Numerosos outros documentos marxistas constam do Anexo n.o 11.

1 — APARTAMENTO N.º 603 — BLOCO F

Esse apartamento era ocupado pelos estudantes JOSE CLAUDIO BARRIGUELLI e LAURIBERTO JOSE REYES, ambos filiados ao Partido Comunista. É vasta a documentação desse partido apreendida nesse apartamento, arrolada no Anexo n.º 13.

JOSE CLAUDIO BARRIGUELLI era membro do CONSELHO UNIVERSITARIO até a data da recente aposentadoria do Dr HELIO LOURENÇO, então Relator da UEP.

LAURIBERTO JOSE REYES era elemento de cúpula da U.E.E. Ambos eram elementos que minobravam a agitação no CRUSP.

Entre os documentos arrolados no Anexo n.º 13, constam:

Documento n.º 14: PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONARIO.

Documento n.º 33 — RESOLUÇÃO POLITICA DA CONFERENCIA NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONARIO — PCBR.

Documento n.º 117: Questões sobre a Luta Interna.

Documento n.º 55: CAMINHOS PARA OS REVOLUCIONARIOS BRASILEIROS, documento do Partido Comunista Brasileiro, COMITÉ UNIVERSITARIO DE MÍRIOPOLE.

Documento n.º 56: Documentos datilografados como anotações de Barrigueli sobre a Linha doutrinária do Partido Comunista.

Documento n.º 56, documento datilografado, contendo propostas aprovadas na última reunião plenária do C.U.E. (Comitê Universitário Estadual).

Documento n.º 181: «Algumas Questões sobre as Guerrilhas do Brasil», de Carlos Marighella.

Além dos documentos acima citados, estão arrolados numerosos manuscritos e outros documentos que demonstram as atividades de JOSE CLAUDIO BARRIGUELLI e LAURIBERTO JOSE REYES.

Além das atividades das células comunistas supra-citadas a sede da ASSOCIAÇÃO UNIVERSITARIA RAFAEL KAUAN constitui um foco atíssimo, em virtude da mesma abrigar as sedes da U.E.E. — Livre. Todos estes documentos se encontram arrolados no Anexo n.º 31. Entre esses documentos, de maior importância, pelas suas consequências:

Documento n.º 3: estudo e plano de guerrilhas urbanas no Brasil, esquema montado de suas regiões favoráveis ao desencadeamento de guerrilha urbana, assinalando-se a importância de São Paulo e Recife, a região centro-oeste como foco (zona libertada) e regiões de guerrilha de diversão. Este documento é de autoria de PEDRO ROCHA FILHO.

Documento n.º 14: «NORMAS PARA A CLANDESTINIDADE», datilografado, versando sobre instruções para os militantes em caso de prisão, precauções contra a repressão, sobre segurança de reuniões, de documentos, organização dos «aparelhos», comportamento na prisão e uma série de instruções para atividades e segurança dos militantes do partido.

Documento n.º 15: «PLANO DE TAREFAS ATÉ O FIM DO MES DE JULHO», para discussão, plano de tarefas para o movimento estudantil, plano ideológico.

Documento n.º 16: «A função do coordenador»; versando sobre a organização das células e as atividades das mesmas e importância.

Documento n.º 18: «PARTIDO DE VANGUARDA»; versando sobre doutrina do Partido.

Documento n.º 20: «O CUE, papel do CU e o seu relacionamento com as Cetesp e CNPs, Versando sobre o Comitê Universitário, a sua importância e relacionamento com as células e o Comitê Nacional Estudantil.

Os Documentos n.º 39 40, 41, 42, 43, 44, 55, e 47, todos se referem às atividades do partido comunista no sefor estudantil.

As atividades das facções comunistas constituem um esquema integrado por elementos vinculados ao terrorismo e agitações de greves operárias na região do ABC e Osasco.

2 — APARTAMENTO N.º 510 — BLOCO C

Eram ocupantes desse apartamento: PEDRO ROCHA FILHO, ALUISIO ANDRADE LEMOS, MICHELAZZO e o clandestino secundarista SERGIO FRANCISCO DOS SANTOS.

Todos estes elementos estavam envolvidos em atividades políticas altamente subversivas.

PEDRO ROCHA FILHO era elemento de liderança do movimento estudantil, principalmente no «CENTRINHO» do CURSO DE FÍSICA. Os documentos manuscritos de sua autoria (Anexo 18) comprovam as suas atividades de militante marxista. O n.º 3 Anexo 31, é de sua autoria e a sua Fls 5, traz o estudo de um esquema de guerrilha para o Brasil. É também o autor do documento n.º 2 do anexo 31, sob a epígrafe: «SITUAÇÃO NA FÍSICA», relacionando os alunos do CURSO DE FÍSICA filiados às diferentes facções esquerdistas. É elemento filiado à 4a Internacional, pela sua própria classificação.

Nesse apartamento foi apreendida matéria prima para confecção de coquetéis molotov.

CAPÍTULO VIII

GUERRILHA URBANA

Foi apreendida no CRUSP grande quantidade de coquetéis «molotov», revólveres, espingardas, matéria prima para explosivos, granadas de pedaços de cano, para introdução de dinamites e meios auxiliares para fabricação de bombas.

Os coquetéis «molotov», se encontravam distribuídos pelos Blocos residenciais, nos saguões de seus andares.

No apartamento n.º 511-B foram apreendidas as espingardas, ocultas em uma parede falsa do apartamento (Fls 4 40), as granadas de pedaços de cíno, com tampas atarracáveis nas extremidades, facões de mato, punhais, matéria prima para explosivos e meios auxiliares para fabricação de bombas.

O 2.o Semestre do ano de 1968 constituiu o período mais conturbado da vida do CRUSP. Nessa época era total a falência de autoridade no CRUSP.

Nessa época o CRUSP já era foco de atividades terroristas. Elementos residentes no mesmo e outros procedentes do fora se reuniam em suas dependências. Dessas reuniões participavam outros elementos da minoria esquerdista e agitadora que dominava o CRUSP. (Fls 595, 596, 597, 598, 599).

Entre os elementos terroristas residentes no CRUSP, são citados: DILSON UARDOUSO, aluno da Escola Politécnica, residente no apartamento n.º 511-B, assaltante de agência bancária e vinculado à «VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA», conhecida pela sigla VPR; ROBERTO CARDOSO DELEAZ AMATAL, aluno do Curso de Matemática da FILO-USP, residente no apartamento n.º 10-E, integrante da VPR, com o nome de JOAQUIM, elemento fate da Imprensa ligada à VPR; ANTONIO CARLOS DE MELO PEREIRA, do Curso de Geologia da FILO-USP.

Procedentes de fora: FERNANDO BORGES DE PAULA FERREIRA, vulgo MIGRANANDO RUIVO, aluno de Ciências Sociais da FILO-USP, morto em luta contra a Polícia, há poucos meses; MARCOS VINICIUS FERNANDES DOS SANTOS, vulgo CAVALCANTI, terrorista assaltante da agência do BANCO ALTANCA, nesta Capital; OSMAR DE OLIVEIRA RODELLO FILHO, companheiro de «CAVALCANTI» no assalto da agência bancária; FLÁVIO e «MASSAFUMI», todos integrantes da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA. Alguns desses elementos: «CAVALCANTI», «JOAQUIM», e OSMAR se encontraram presos. (Fls 1218, 1219, 1150, 1251).

As passeatas e comícios realizados nas ruas de São Paulo, tinham o CRUSP como centro de decisões para a sua realização. A sua Administração estava em poder da «AURK», cujas dependências foram transformadas em cárcere privado, onde eram interrogados os sequestrados. Com a destruição da FACULDADE DE FILOSOFIA, situada na Rua MARIA ANTONIA, o CRUSP passou a ser o único local seguro para as assembleias e reuniões do movimento estudantil. A destruição da Faculdade de Filosofia era atribuída à ação do C.C.C., infiltrado no MACKENZIE.

A eventualidade de um ataque do C.C.C. ao CRUSP exigia preparativos de defesa. Grande era o clima de tensão no CRUSP, nessa época, pela emotivação constante de sua massa de residentes, feita pelos grupos esquerdistas agitadores infiltrados na mesma. Era preciso manter o CRUSP em «clima» de suspense.

Havia secundaristas em todas as suas dependências e «que havia no CRUSP elementos especializados em manter um «clima de suspense», com graves prejuízos para os estudantes, que já no fim do ano, estavam se preparando para os exames; esses elementos alardeavam pretensas invasões, o que provocava intranquilidade entre os residentes no CRUSP».

Os grupos comunistas do movimento estudantil tinham todo o interesse em manter a massa de residentes no CRUSP neste clima de tensão. Os documentos apreendidos em apartamentos dos líderes da agitação, revelam que as suas atividades

tunham como objetivo conduzir a massa estudantil para as ruas, procurando galvanizar a opinião pública, através de passeatas, comícios, em que se lutaria contra a repressão e ainda a instrução militar clandestina de grupos selecionados e adestrados no manuseio de artefatos militares.

O encontro de bombas «molotov» no CRUSP não foi um fato ocasional. A sua confecção e emprego já faziam parte de um plano de instrução de grupos para agirem na oportunidade.

Documentos apreendidos no apartamento n.º G1-B e anexados no Anexo n.º 14 comprovam que grupos esquerdistas do CRUSP se preparam para a eventualidade de atuarem em ações de guerrilha urbana, dentro de um âmbito subversivo e de âmbito nacional.

Documento n.º 10. do Anexo n.º 14: «CODEMA DE EFETO MORAL OU DE PENSIVA», confecção e emprego.

— «É usada principalmente em ações que envolvem a massa, para defendê-la da repressão. Jogada sobre os Soldados, estes, por desconhecerem o seu teor são obrigados a se abrigarem. Com isto permite-se uma fuga mais organizada da massa e não um desbandimento, esparcimento e prisões».

Documento n.º 41: «COMBINA FUMIGENA», confecção e emprego.

— «É empregada em movimentos de rua, contra o avanço de caminhões tatus ou outros veículos, que são obrigados a parar, por perderem a visão; contra policiais a pé ou a cavalo, que podem temer o cheiro da fumaça. Com isso permite-se uma fuga tática dos manifestantes».

Documento n.º 42, do Anexo n.º 14: «ORGANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE UM GRUPO DE MOLOTOV»:

a) — Conseguir o seguinte material (para 10 molotovs): 100 grs. clorato de potássio 100 grs. açúcar, 7 litros de gasolina, meio litro ácido sulfúrico concentrado, comercial, 10 garrafas ou litros c/ rolhas, 3 litros óleo diesel, cola líquida, vara de vidro ou tubo de vidro fino, 100 grs. parafina, estopa.

B) — Método para educação:

a) — Reunir os componentes do Grupo (igualmente), explicar a finalidade e repercussão do emprego da molotov.

b) — Explicar detalhadamente e confeccionar uma molotov, como exemplo.

c) — Fazer cada elemento confeccionar pelo menos uma molotov corrigindo-lhe os erros.

d) — Experimentar uma molotov, para que todos vejam seu efeito.

C) — Finalidades principais da molotov:

a) — defesa preventiva; manter policiais, cavalaria e cães afastados.
b) — ofensiva: atear fogo em viaturas (caminhão, tatu, brucutu).

D) — Tipos de molotov: molotov com pavio e molotov sem pavio.

Da leitura dos documentos supra-citados, que constam dos mesmos claramente, demonstra-se a finalidade e o emprego dos explosivos e outros materiais de agressão apreendidos nas diferentes dependências do CRUSP. Havia aulas para confecção de bombas, aulas estas programadas e treinamentos para aplicação dos ensinamentos teóricos.

Documento n.º 47: «NORMAS GERAIS PARA INSTRUÇÃO DE TIRO, EXPLOSIVOS, SOBREVIVÊNCIA, LEVANTAMENTO E ORIENTAÇÃO NO MATO».

Traia-se de documento versando sobre instrução militar, de caráter clandestino, para grupos de militantes do partido, de acordo com programa semanal organizado, prevendo os dias da semana, assuntos, materiais e organização dos grupos de instruídos.

Quanto à organização dos grupos: diz o documento: «no máximo quatro, pelo menos uma moça de preferência conhecidos entre e cuja prática permita levá-lhe organizada o que vai aprender».

«Para a instrução de tiro e emprego de explosivos é necessário que a região e local ofereçam a máxima segurança, quanto ao sigilo e discrição de seus objetivos, segundo prescreve o documento».

Quanto às medidas de segurança: na escolha do local: «selecionar local montanhoso, com mato fechado, para absorver o barulho dos tiros e explosões». Local afastado de estrada, que possua animais de caça, para justificar os tiros. Não deve ser

habitado ou possuir vizinhos a menos de um quilômetro. Se possível visitar o local antes da viagem.

Quanto à segurança no transporte: «ir de preferência de carro, bem cedo, para aproveitar o dia. Se possível os explosivos e armas que não são de caça devem ir de ônibus. De preferência não ir mais que cinco pessoas. Não ir toda uma frente ou base. Se o local for APARELHO viajar com óculos inexpugnáveis. Na hora da partida não marcar pontos perto da estrada de viagem, para não dedá-la, mas sim no centro da cidade».

Quanto à segurança na estadia: «deixar um vigia, com revestimento, nas horas que não há tarefas coletivas. Estar sempre preparado para a chegada de estranhos, não deixando armas, etc... à vista. Caso chegue estranho conversar normalmente sobre caça, pesca ou interesse em comprar terreno (sítio). Se for APARELHO só conversa quem conhece o local. Os outros dispersam-se (estão caçando, procurando lenha, alimento). Não deixar pontas de cigarros, papel, comida, latas, capsulas de fางezas no chão, mas na cova pura detritos. Cobrir também as fezes».

Quanto ao programa e dias do treinamento: «Aos domingos. Reconhecimento do local de treinamento, instrução prática de tiro e bombas. É necessário carro, CARTEIRA DE CAÇA para ALIBI. Arrumar antes: munição para armas obtidas (dizer que é do interior ou comprar no interior). Alimentos (sanduíches). Dinheiro: NCR\$ 15,00».

Todos os documentos acima citados, são datilografados, de autoria de DILSON CARDOSO, estudante do CURSO DE QUÍMICA, da ESCOLA POLITÉCNICA, Oficial R/2 do Exército, atualmente terrorista, assaltante de banco, procurado pela polícia.

Os documentos citados comprovam as atividades de DILSON CARDOSO, como organizador de «aparelhos» e outros grupos, que recebiam ensinamentos militares e faziam treinamentos em locais, que oferecessem a máxima segurança quanto ao sigilo e simulação de seus verdadeiros objetivos. As armas e os explosivos encontrados em seu apartamento constituíam os meios destinados aos treinamentos de grupos esquerdistas, de acordo com o programa elaborado pelo próprio DILSON CARDOSO.

Quanto à confecção e emprégo de coquetéis «molotov», conforme consta dos autos deste IPM, foi visto dando instruções a grupo de estudantes residentes no CRUZO, em seu apartamento, sobre confecção e emprégo de coquetéis «molotov».

A confecção de coquetéis «molotov» se estendeu a apartamentos de outros 11 aeres, citados como células do partido comunista, em capítulo anterior.

Materia prima para a sua confecção foi encontrado nos apartamentos de CATARINA MELLONI, VALTER STEVANATO VUOL, JOSÉ CLAUDIO BARRIGUELLI, PEDRO ROCHA FILHO, NAIR YUMIKO KOBASHI e ARLETE BENDAZOLI.

Na porta do apartamento de VALTER STEVANATO VUOL, estava afixado um cartaz, com os seguintes dizeres: «NÃO FUME», por ser local de confecção de coquetéis «molotov». (Fls.)

Paralelamente à preparação militar clandestina de grupos esquerdistas residentes no CRUZO, confecção e emprégo de coquetéis «molotov», bombas, instrução de tiro e organização de «aparelho», com programa semanal de treinamentos, a liderança agitadora esquerdista preparava psicologicamente a massa estudantil para galvanizar a opinião pública através de pisseatas, manifestações e comícios e infiltrados nessa massa os grupos treinados militarmente para combaterem a repressão das autoridades militares e civis.

Os documentos políticos, de caráter altamente subversivos, apreendidos nos apartamentos já citados anteriormente, comprovam a preparação do movimento estudantil, com base no CRUZO, para ações de guerrilhas urbanas dentro de um esquema de agitação do âmbito nacional, visando a derrubada do governo e as instituições do regime instaurado pela Revolução de 31 Março.

O documento n.º 46, Anexo no 14, «ORGANIZAÇÃO DA MASSA PARA MANIFESTAÇÕES DE RUA», assim prescreve: «1 — Considerações gerais: a) — Se nos orientermos para que a organização da massa esteja cada vez mais aprimorada, estaremos mais próximos da guerrilha urbana (GU).

b) — Com a massa intensamente organizada ela se torna mais confiante e segura, permitindo assim atingir os objetivos que a faz sair às ruas.

c) — Cada grupo é responsável pela obtenção e preparo do material que utilizará (espertos, molotov, rádio, etc...). Só assim é possível obter todo o material necessário para a defesa da manifestação. Ao mesmo tempo engaja-se e educa-se a massa, aprofunda-se o nível da organização e permite-se que ela crie.

d) — Pelo menos dois elementos do grupo não levam material específico (molotov, foguete, etc.), mas levam porretes para defesa do próprio grupo».

Documento n.º 48, «ATUAÇÃO E CONHECIMENTO DA REPRESSÃO», versando sobre a organização e efeitos das forças de repressão: II EXÉRCITO, DPF, DOPS e FPEJSP.

Deste documento constam localizações de quartéis, departamentos de polícia e citação nominal de seus chefes e instruções sobre o modo de emprego e atuação das organizações na repressão.

Documento n.º 62, «O QUE PODEMOS CONSEGUIR DO ME AGORA E A LONGO PRAZO?». É um documento datilografado, de caráter marxista, traçando normas de luta para o movimento estudantil. «Uma frase que estamos cansados de ouvir, que porém foi muito pouco aprofundada é: «O papel do ME é de força auxiliar no processo de transformação da sociedade brasileira», ou ainda, «o papel do ME é o de integrar-se na luta geral do povo contra a Ditadura e o Imperialismo».

Documento n.º 61, Anexo n.º 8: Em seu item 3 — «UMA POLÍTICA PARA A UNE», de autoria de CATARINA MELLONI, «Usar todas as formas de lutas, desde as mais amplas como os abaixo-assinados e petições, até as mais vigorosas, como as passeatas e demais ações de massas, nunca perdendo de vista nossos objetivos centrais. As manifestações de rua, por permitirem um maior contato com o povo e uma grande mobilização se bem montada e bem conduzida, e por serem um meio de pressão mais eficaz, são nossa principal forma de luta. A violência dos estudantes é justa».

O Documento n.º 26, do Anexo 8, manuscrito assinado por TEREZA CRISTINA COLLIER, encadeadora de greves em OSASCO e SANTO ANDRÉ e encadeadora de secundaristas para passeatas e comícios; «FRENTES DE TRABALHO»: — «Em vista da reconhecida importância e imprescindível necessidade da ação das Frentes de Trabalho para a organização e conscientização da massa estudantil do nosso movimento atual e inserção na totalidade do processo revolucionário brasileiro, organização consciente da nossa realidade histórica e da nossa luta política, para o bom andamento e eficácia do nosso movimento atual e todas as ações revolucionárias subsequentes:

Em vista da já aprovada proposta da organização destas Frentes de Trabalho e dana as reconhecidas dificuldades existentes para a realização desse trabalho, Propomos: que os Presidentes dos Centrinhos e todos aqueles que se comprometeram neste trabalho, endarem no responsávelmente como a importância exige e realizem os maiores esforços possíveis e necessários, hoje a noite e logo amanhã darem inicio a «verdadeira organização, destas frentes de trabalho, que dependem pós inicio, da coordenação dos nossos líderes eleitos e de todos os comprometidos.

Documento n.º 46, do anexo n.º 8: Uma carta dirigida a TEREZA CRISTINA COLLIER: «Vejo as coisas mais ou menos claras. Precisamos é sair logo das divergências, dos estudos e começar o protesto, mesmo que não seja luta armada. Logo. T isso é fácil. Não há bicho nenhum. Com mil caras dispostos dí pra começar. Uns trezentos operando no Brasil Oeste. Outro em Minas. Outro no Estado do Rio. Outros pelos Nordeste. Havendo grupos nas principais capitais. No Rio Grande também. Armas de caça e a gumas roubadas no inicio. Conhecimentos de como fazer pólvora e outras coisas. Nada de se fixar num lugar. Correr. Cansar o inimigo. Levá-lo pra onde a gente quer. Pra Amazônia por exemplo. Ir trucidando os que formos encontrando».

O Documento de Fl 3, do Anexo B, é uma carta procedente de MUNCHEN, de 13-11-67, Alemanha, para o líder secundarista SÉRGIO FRANCISCO DOS SANTOS, indicado neste IPM. Eis um trecho desta carta: «Fui à BERLIM (centro do Movimento Estudantil em Alemanha), muitas discussões, o «leader» do Movimento propagou métodos duma «Guerrilha Urbana Estudantil, (mais ou menos) é um pouco problemático, também começamos agora com «centros de ações» e caderes (não sei a palavra em português...) para trabalhar com trabalhadores, com sua base mais grande de estudantes etc... Foi estabelecida uma nova universidade pelos estudantes a BERLIM, «UNIVERSIDADE CRÍTICA», um programa muito bom, no centro, problemas da sociedade capitalista.»

Do mesmo Anexo consta a resposta de SÉRGIO à sua narrativa, de nacionalidade alemã: «Querida: Voltei do interior de São Paulo ontem. Estou reorganizando o movimento estudantil numa região do estado de S. Paulo (10 cidades mais ou menos). O movimento revolucionário no Brasil atravessa uma fase decisiva. O movimento operário começo a organizar-se. O movimento camporista aqui no Estado de S. P. começa a apresentar perspectivas bastante amplas, não posso escrever detalhes por questões de segurança (talvez não devia escrever-lhe isso!). (Fls 24).

Documento n.º 67, do Anexo 14: «FORMAS DE ATUAÇÃO DA REPRESSÃO: em matriz stencil.

«A) Infantaria: Em geral pelotões que são formados de 10 soldados com especializações:

LUTA OCORPORAL — 1.º) Cacetete para repressão individual, às vezes com escudos de gladiadores; 2.º) revolver 38, possue 6 balas, carregado manualmente, levando algum tempo para carregar, portanto após 6 disparos, o Policial está praticamente desarmado; 3.º) metralhadora Ina, arma que dispara em rajadas, cada arma possui 30 balas, arma com pouca precisão, não sendo possível ficar fora da direção dos tiros, deitar no chão; 4.º) Granadas c) de gases que quando explodem, produzem gases irritantes. Pode ser neutralizado jogando molotov sobre ela, pois o gaz pega fogo ou também um vidro de amônia. d) cães treinados que correm muito e avançam contra a massa; com eles pode-se usar molotov, bombas, buscapé, rojões e apito ultrasom que fazem os cães ficarem abobados.

B) — Infantaria Motorizada: ... Usa tatús e brucutus. São veículos blindados que investem contra a massa. Para o ataque a esses veículos, usa-se a molotov que assusta os ocupantes.

C) — Cavalaria: Avançam a galope dando golpes de sabre. Nestas condições é difícil controlar o cavalo. É suficiente virar uma esquina que os cavalos a galope não podem virar. Contra a cavalaria usa-se grupos de estilingues, bolas de gude, rojões, buscapé em direção à carga.

D) — Franco miradores: Atiram com precisão, com fuzis munidos de lunetas. No aguçamento das lutas (RIO) tem sido usado helicópteros que jogam bombas de gas e atiram de metralhadoras.

E) — Infiltrações: Na ultima passeata as prisões foram efetuadas por policiais a paisana, a maioria mal vestidos, com aparência de trabalhadores. Levam seusacetetes (menores que os normais) embrulhados em jornais. Deve se observar o comportamento de pessoas de apariência estranha, que proclamam agitar fazendo provocações.

«FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DA MASSA».

A) — Propaganda: uma manifestação tem, geralmente, a finalidade de fazer propaganda e agitação. Cabe a uma parte da massa organizada esta tarefa, dividindo-se em grupos de:

1 — Comício; 2 — panfletagem; 3 — pichação; 4 — cartazes, com orientação para confeccioná-los com porretes para defesa.

B) — Defesa da manifestação: com intensa organização da massa, garante-se qualquer manifestação, e em caso de repressão, muda-se radicalmente o nível de manifestação.

1 — Grupos de segurança individual; — 2 — Grupos de informação: há dois tipos: a) — os grupos que ficam nas proximidades dos quartéis da repressão, que podem estar longe do local da manifestação. Procuram observar que direção a repressão tomou; b) — os grupos que ficam na periferia da manifestação, a uns dois quarteirões de distância, na frente, atrás e nas ruas laterais, devem procurar locais altos (marquises telhados, encima de automóveis). Todos os dois grupos, assim que avistarem a repressão, comunicam a CG. O primeiro grupo telefona para a central de informações e o segundo procura a segurança da liderança.

3 — Central de informações: uma casa de um estudante de massa, com telefone, cujo número deve ser conhecido por: A) — segurança individual da liderança, que comunica à Central qualquer mudança de trajeto ou em caso de dispersão, o novo local para a manifestação não programado; b) — grupos de informação nas proximidades dos quartéis, que informa a hora do movimento e a direção das tropas; c) — grupo de informações da periferia da manifestação, que procura saber dos movimentos das tropas; d) — coordenação dos grupos de trabalho das faculdades, que em caso de dispersão se comunicam à central para receber novas instruções.

4 — Grupos de transito: com função de manter um bando de carros em torno da manifestação. Fecham o trânsito nas transversais (cem metros). A abertura do trânsito nas transversais só se dá quando a manifestação está a uns 100 Ms. Caso na rua seja localizado carro da repressão, esvazia-se os pneus dos primeiros carros que estão parados no meio da rua.

5 — Grupos de estilingue: deve-se localizar dos lados da manifestação, prontos para ir para a dianteira ou retaguarda da manifestação. Atiram bolas de gude contra a infantaria e cavalaria.

6) — Grupos contra cavalaria: jogam rojões na rua, buscapés contra os cavalos, rento ao chão.

7) — Grupos de porretes: os elementos devem possuir boas condições físicas para haver equilíbrio de forças. Devem andar pelos lados e retaguarda da manifestação. Entram em luta com policiais isolados ou quando estão em maioria com relação na tropas de choque. Retiram armas dos policiais e levam a CG.

8) — Grupos de molotov e efeito moral; com função de atear fogo a veículos da repressão, impedir a chegada da repressão ou anular a bomba de gás lacrimogêneo. Os elementos devem ter boas condições de arremesso e muito cuidado com o transporte. As bombas de efeito moral são aliadas para retardar a repressão ou dispersá-la.

9) — Grupos de Socorro: Organizar grupos de estudantes médicos e auxiliares com caixa de los socorros para medicar imediatamente. Este grupo deve estar bem protegido e permanecer perto do local do choque. Manter pirotécnicos de médicos em hospitais, escolas, etc...»

O Documento n.º 14 «NOTÍCIAS PARA A CLANDESTINIDADE»: O que se segue é uma tentativa de chamar a atenção para alguns pontos gerais, porque o essencial na política revolucionária é o nível ideológico e a consciência revolucionária.»

Neste documento constam instruções, em menores detalhes sobre organização das «aparelhos», células terroristas, no mais para circulação de documentos do partido, instruções para evitar a repressão da polícia e numerosas outras normas para manter o esquema do partido em pleno funcionamento na clandestinidade.

A instrução de n.º 22, assim prescreve: «DE preferência devemos ter o maior número possível de aparelhos, a fim de que não repitamos as mesmas reuniões nos mesmos locais e se «queirme», o mesmo. Quando o aparelho cedido for apartamento, deve-se ter cuidado de em se adentrando ao prédio, nunca o n.º de elementos deve ser superior a 3. Se o n.º de elementos for superior à três, divide-se em grupos, estabelecendo um tempo razoável para que cada grupo entre no local. Jamais o zelador ou qualquer outro funcionário do prédio deve saber nosso destino, já que esses elementos são geralmente informantes da reação. Sempre que possível não tomar o elevador, evitarmos de descer no andar ao qual destinamos, restringindo ao máximo as informações sobre o local.»

A instrução de n.º 23: «A escolha de aparelhos para reuniões deve ser precedida de um estudo minucioso que compreenda: a) o exame dos antecedentes, se tem sido vigiada ou se foi habitada por gente fichada; b) a caracterização dentro do possível do zelador e dos outros inquilinos, se tratar-se de um edifício; da vizinhança se for casa.»

«Deve-se marcar pontos em locais movimentados, onde a presença de uma pessoa não seja notada. O encontro deve ser o mais discreto possível, não havendo bate-papos ou rochinhas, devendo cada membro agir com naturalidade. Nunca se deve esperar mais de 15 minutos em um ponto» (N.º 25).³

O documento n.º 3, do Anexo 31 — demonstra que os grupos esquerdistas do CRUSP, que tinham a sua disposição uma variadíssima documentação clandestina sobre guerrilhas, em todos os seus aspectos, passaram da fase de estudos ou divagações, para o planejamento e esquematização das medidas no caso peculiar do Brasil, atendendo a sua conjuntura política-social. A Fls 5, desse documento, sobre um mapa do Brasil estão insinuadas as regiões e cidades, que ofereçam condições ideais para a eclosão de guerrilhas, extensivas ao campo e às regiões urbanas (S. Paulo e Recife) e a evolução de suas lutas para a Guerra Popular.

Os numerosos documentos acima citados e que tiveram alguns de seus trechos transcritos comprovam que todo o material apreendido no CRUSP, mesmo aqueles que é considerado como sendo de brincadeira estudantil tinha o objetivo definido: mobilizar a massa estudantil, infiltrada e manobrada por grupos marxistas instruídos e adestrados para a luta armada contra as forças responsáveis pela ordem pública; galvanizar a opinião pública dissimulando os preparativos do esquema de integração daqueles grupos no processo da Guerra Revolucionária, pelo desencadeamento em momento oportuno de guerrilhas urbanas e em zonas rurais.

CAPÍTULO IX

DISSOLUÇÃO DOS COSTUMES

À invasão e ocupação do Bloco G pelos estudantes, sob a direção da ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA RAFAEL KAUAN, que distribuiu apartamentos daquele bloco indiscriminadamente a rapazes e moças, permitiu criar um ambiente de baixo nível social.

As moças ocupavam os apartamentos do 5.º andar daquele Bloco, o que permitia facilmente a entrada de rapazes nos apartamentos das moças e vice-versa.

Pelo regimento interno do CRUSP, as moças residentes no mesmo, se encontravam nos blocos A e D, onde não era permitida a entrada de rapazes.

Quanto ao ambiente de promiscuidade sexual no Bloco G, dos autos deste IPM consta o seguinte: «que após a ocupação do Pavilhão G pelos alunos residentes no CRUSP passou a trabalhar nesse pavilhão; que nesse pavilhão moravam rapazes e moças, estas ocupando o 5º andar; que o depoente sabia que os rapazes frequentavam os apartamentos das moças e que nos apartamentos n.os 501 e 502 havia uma grande movimentação de rapazes e moças; que nesses apartamentos pernoitavam rapazes e outras pessoas que o depoente ignora os nomes; que as moças residentes no Bloco «G» na sua maioria levavam uma vida muito livre, recebendo os rapazes em seu apartamento e também na sua maneira de se trajarem, pois eram vistas transitando pelos corredores dos apartamentos em trajes bastante íntimo, de calcinhas, como se fossem para o banheiro».

A falta de pudor e a promiscuidade causavam indignação aos empregados responsáveis pela limpeza dos andares e apartamentos. Moças e rapazes eram encontrados dormindo completamente nus, o que chegou a motivar protesto das empregadas. (Fls 584 - 588).

«Que o ambiente de promiscuidade entre rapazes e moças, no Bloco G, principalmente, concordaria muito para a degradação moral e dissolução dos costumes da família brasileira; que no acesso ao Pavilhão G havia um cartaz com os dizeres: «VINGANDEZA CAUSA CANCER», e que ainda essa dissolução de costumes se estendia a numerosos outros casos isolados, envolvendo moças e rapazes no CRUSP; que o depoente, em face do que observou durante a sua permanência como médico do CRUSP, é de parecer que o CRUSP não deve ser reaberto nos moldes como vinha funcionando».

Numerosas obras de literatura pornográfica e sexualismo, panfletos e revistas, encontrados em apartamentos de moças, propagando os princípios negativistas do rompimento com os fundamentos de nossa formação cultural e social, herdados de nossos antepassados, constituiam um dos instrumentos de propaganda dos princípios de formação da sociedade marxista-leninista.

Dos autos deste IPM, constam várias citações sobre focos de prostituição no CRUSP. Havia casos de prostituição de moças residentes no mesmo e os casos de moças, de vida suspeita, vindas de fora, inclusive menores, que pernoitavam nos apartamentos de rapazes, principalmente aos sábados.

Sobre o problema da entrada de rapazes nos apartamentos das moças residentes nos Blocos A e D, o assunto foi objeto de uma reunião da «AURK», de cuja ata consta. (Documento n.o 33 — Anexo 31)

CAPÍTULO X

CONCLUSÕES

Dessa longa exposição de fatos, ocorridos no CRUSP, e do exame de documentos citados, que dos autos constam verifica-se:

1 — A agitação estudantil no CRUSP remonta ao núcleo inicial de seus residentes.

Neste núcleo infiltraram-se elementos esquerdistas que passaram a agitar problema das reivindicações específicas dos residentes, quando havia uma série de deficiências de meios no CRUSP. Estes elementos, profissionais da agitação, continuaram atuando e insuflando a massa estudantil até os dias da invasão do CRUSP pelas forças militares.

O núcleo esquerdista cresceu em seu quadro de militantes e como consequência de suas atividades agitações e desordens dentro de um esquema montado para um contínuo processo de desmoralização e desgaste da autoridade da direção do ISSU. Os esquerdistas se viram frustrados em sua campanha de agitação contra o Diretor do ISSU, na época do «COLEGIADO», pelo que procuraram à custa de greves galvanizar a opinião pública, alegando motivos ridículos mas cujos designios eram outros. Não aceitavam o diálogo e apelavam pelos meios ilegais. A direção do ISSU não vacilava em empregar a força, o que fez por mais de uma vez, para restabelecer a ordem e o princípio da autoridade.

Houve a mudança de direção do ISSU e logo, em seguida, da Reitoria da USP, A minoria esquerdista, que vinha sendo contida em sua campanha subversiva, funda a «ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA RAFAEL KAUAN», entidade esta espúria, filiada à U.E.E. — Livre, D.C.E — Livre e U.N.E.